

QUANDO O AGRESSOR TAMBÉM É A VÍTIMA

Rosiane Gonçalves Coelho Silva (UNICAMP)

rosiane.silva6@hotmail.com

Elaine Prodócimo (UNICAMP)

Órgão financiador: FAPESP

Conflitos Interpessoais na Instituição Educativa: fatores, complexidade, diversidade e manifestação como disciplina, bullying, violência ou incivilidade

Com o objetivo de investigarmos a agressividade no sistema escolar, o grupo de pesquisa GEPA(UNICAMP/FEF) está realizando um estudo em escolas públicas de diferentes Estados do Brasil. No presente trabalho apresentamos os dados coletados no estado de Goiás e Mato Grosso. Duas escolas estaduais de cada estado foram pesquisadas, 281 alunos do ensino fundamental II (5ª a 8ª series) e ensino médio (1ª a 3ª série) de Goiás, e 342 alunos do ensino fundamental II (5ª a 8ª series) e ensino médio (1ª a 3ª série) do Mato Grosso. Sendo uma classe de cada turma em cada escola pesquisada. Para a realização da pesquisa utilizamos como instrumento um questionário com 54 perguntas fechadas. Dentre as perguntas fechadas, que compõem o instrumento, destacamos para a presente apresentação as seguintes: Você teve para com algum colega ou nas imediações da escola, alguma atitude e comportamento de agressão? Você se considera vítima de agressão na escola? Essas questões são relevantes, pois possibilitam compreender as representações sociais dos alunos na escola e dos relacionamentos que são estabelecidos em seu interior. Em relação aos resultados, ficou evidente que há alunos: agressores/vítimas; vítimas/agressores; somente agressor e somente vítima. Dentre as características do agressor citamos: ser mais seguros, tem menos medo e são menos ansiosos. Estes adjetivos podem contribuir para as ações comportamentais agressivas do aluno. Alguns dos alunos vitimados são também agressores, estes são aqueles que reproduzem os comportamentos agressivos sofridos. cremos que o embasamento teórico e prático, em que, são estudados a agressividade no ambiente escolar é fundamental para a compreensão dos difíceis e atuais desenvolvimentos comportamentais agressivos, e acima de tudo para uma prática profissional sustentada em trabalhos científicos.

Palavras-chave: agressor; vítima; alunos; escola.

INTRODUÇÃO

Os primeiros vínculos afetivos que dão base à identidade do indivíduo se estabelecem na família, que será o elo com a sociedade. O indivíduo compara os comportamentos dos pais, irmãos, avós, e constrói o seu próprio comportamento. Vygotsky (2001) postula que a criança imita o adulto a todo instante. É no convívio familiar que se aprendem também os diferentes códigos, sentidos e significados que serão transmitidos por meio da linguagem verbal e corporal.

A memória armazena informações recebidas desde o nascimento, esses registros somados a percepção do indivíduo o levarão por caminhos que diferem até do próprio irmão. Irmãos que convivem com os mesmos conflitos familiares podem ter condutas, tanto semelhantes, como opostas. Luria (1991) postula que o ser humano recebe vários estímulos e seleciona o mais importante, retém das informações apenas o que lhe interessa e exclui o restante. Essas informações são também elaboradas internamente com base na bagagem anterior formada pela pessoa.

Quanto às informações e situações vivenciadas cotidianamente pela pessoa, algumas podem constituir-se em fatores de proteção, que segundo Hutz (2007) podem ser entendidos como sendo “as influências que modificam, melhoram ou alteram as respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação”, ou em fatores de risco, que, segundo Debarbieux (2006, p. 141) pode ser “ou um acontecimento ou condições biológicas ou ambientais que aumentam a probabilidade de uma criança ou um adolescente de desenvolver distúrbios emocionais ou de comportamento”. Esses fatores podem ser tanto de aspectos familiares, sociais, ou mesmo pessoais.

Segundo a IMESC os *fatores protetores* diminuem, suavizam ou excluem as exposições aos fatores de risco, podendo ser na redução da vulnerabilidade ou no aumento à resistência das pessoas aos riscos.

Maia (2005, p.9 e 10) postula sobre os fatores de proteção:

a família pode ser destacada como responsável pelo processo de socialização da criança, sendo que, por meio dessa, a criança adquire comportamentos, habilidades e valores apropriados e desejáveis à sua cultura. Nesse contexto, a internalização de normas e regras possibilitarão à criança um desempenho social mais adaptado e aquisição de autonomia. [...] A oportunidade de a criança interagir com os pares e com outras pessoas fora da família, o grau de escolaridade materna e seu baixo-nível de depressão, estilos parentais adequados, uma qualidade de interação boa com a comunidade e uma rede social fortemente estabelecida, podem ser destacados como exemplos de fatores positivos à proteção da criança, que podem diminuir a expectativa de conseqüências negativas.

Como **fatores de risco** entende-se aqueles que poderão levar o indivíduo a colocar-se diante de agressões. Para Hutz(2007, p.10) os fatores de risco podem ser entendidos como sendo “eventos negativos da vida, e que, quando presentes, aumentam a probabilidade do indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais”. O autor conclui que como possíveis conseqüências socioeconômicas estão a desestruturação familiar, o abandono, a ida para as ruas e ou a conseqüente institucionalização.

Debarbieux_(2006) caracteriza os fatores de risco como sendo os: *individuais*, os problemas mais relacionados são complicações natais, problemas de saúde, distúrbios psicológicos internalizados, temperamento, agressividade, abuso precoce de drogas e álcool, entre outros; *familiares*, maus tratos e abuso sexual dos pais (familiares), a falta de interesse e empenho nas atividades escolares, ou ainda nas atividades de tempo livres do aluno, o estilo parental de educar podendo ser repressivo e autoritário, castigo físico, rigidez e a indiferença; *associados à escola*, o insucesso escolar, o abandono escolar, problemas disciplinares freqüentes, as mudanças freqüentes de escola; *ligado aos pares*, pertencer a uma gang, o isolamento, os conflitos entre pares, e *meio social*, pobreza, a desorganização comunitária, a exposição à violência e ao racismo. Embora esses fatores de risco sejam influentes, cada fator em si não é

uma explicação suficiente para a causa da agressividade. A acumulação dos fatores de risco é que pode favorecer o comportamento agressivo. Hawkins (2000) postula que quanto maior é o número de fatores de risco ao qual um indivíduo se encontra exposto, maior é a probabilidade de este se empenhar num comportamento agressivo.

Lopes Neto (2005, p.7) postula que:

Algumas condições familiares adversas parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças. Pode-se identificar a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais.

O comportamento agressivo pode originar-se por causas variadas e ter resultados diferentes. A complexidade se deve ao ambiente onde se constrói o processo de socialização e aprendizado. No âmbito escolar as manifestações de violência se dão pela dificuldade de estabelecer vínculos, uma excessiva pressão social sobre as pessoas, influências de certos modelos, medo de perder a influência no grupo entre outros fatores.

Lopes Neto (2005, p. 3) afirma que:

A agressividade nas escolas é um problema universal. O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o bullying como a vitimização têm conseqüências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores.

Porém, não apenas às vítimas as conseqüências são graves. Também aos agressores as conseqüências podem trazer prejuízos. Muitos agressores sofrem, em si mesmos, agressões de pares ou de outras pessoas o que os leva a reproduzir esses atos como forma de lidar com a dor e a frustração. Quando o

indivíduo agride três vezes ou mais de três vezes uma única pessoa é caracterizado o fenômeno bullying. Fante (2005, p.27) define o bullying como “Desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica e anglo-saxônica nos estudos sobre violência escolar”.

O presente estudo tem como objetivo analisar, se, entre os agressores caracterizados a partir de estudo feito, se há também vítimas, ou seja, caracterizar o agressor/vítima .

METODOLOGIA

A fim de atingir o objetivo foi realizada uma pesquisa quantitativa, em que utilizamos um questionário criado por equipe de pesquisadoras de Portugal e adaptado para nosso estudo no Brasil, que comporta, entre outras, questões destinadas a encontrar os indicadores da agressividade no ambiente escolar. Os resultados aqui apresentados incidem sobre o inquérito realizado no estado de Goiás e Mato Grosso, em 2010. Duas escolas estaduais de cada estado foram pesquisadas, 281 alunos do ensino fundamental II (5ª a 8ª series) e ensino médio (1ª a 3ª série) de Goiás, e 342 alunos do ensino fundamental II (5ª a 8ª series) e ensino médio (1ª a 3ª série) do Mato Grosso. Sendo uma classe de cada turma em cada escola pesquisada. O instrumento utilizado consta de questões referentes a tipos de comportamentos sofridos (13 no total) e a quantidade de vezes que o sujeito foi vitimizado. Para elencarmos as vítimas o critério foi haver sofrido ao menos 5 dos 13 comportamentos descritos, e/ou pelo menos 3 vezes nas últimas duas semanas, tempo de referência para o questionário. Analisamos as questões referentes aos comportamentos sofridos, consideramos as perguntas referentes a continuidade da agressividade e ainda, se o agressor ou a vítima consideram-se vítimas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre as vítimas:

A vitimização que caracteriza o bullying é caracterizada no presente estudo quando o agressor cometeu o delito por três vezes ou mais na mesma pessoa. Nesta pesquisa 66 meninas e 61 meninos foram vítimas. Contamos desta forma, 127 alunos que são acometidos da pratica bullying por seus colegas de escola.

O questionário utilizado para o estudo, em sua parte inicial trata da questão da vitimização por diferentes abordagens, numa delas o sujeito relaciona quais os comportamentos agressivos que sofreu nas últimas duas semanas, são listados 13 comportamentos e o sujeitos respondem sim ou não para cada uma delas. Outra pergunta feita refere-se ao fato do sujeito haver sofrido agressões continuadas nas últimas duas semanas pela mesma pessoa ou grupo de pessoas, as alternativas para respostas são: não; sim, uma vez, sim, duas vezes, sim três vezes, sim mais de três vezes. Nesse caso, os alunos que responderam uma das duas últimas alternativas foi considerado vítima de bullying.

Sobre os agressores e vítimas e vítimas e agressores

Foram levantados os dados dos alunos considerados agressores pelo critério de haver cometido pelo menos 5 dos 13 comportamentos agressivos listados, e/ou pelo menos 3 vezes nas duas últimas semanas, a partir dessa seleção, foram comparados os dados da vitimização, que seguiu o mesmo padrão. No cruzamento entre esses dados obtivemos os dados finais apresentados na tabela 1

Tabela 1 – agressor/vítima

	<i>Agressor/vítima</i>	<i>Sexo F</i>	<i>Sexo M</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Idade</i>
Goiás (1)	08	07	01	6 EFII/2EM	13,14,15,17
Goiás (2)	08	03	05	3EFII/5EM	11,12,15,16, 18,19
MG (1)	31	18	13	16EFII/15EM	12,13,14,15, 16,17,21
MG (2)	26	11	15	14EFII/12E M	11,12,13,14, 15,16,33
Total	73	39	34		

O total de Agressores são 124, na tabela está inscrito somente os agressores/vítima, que são 73 alunos. De 124 agressores 73 são vítimas, desta maneira 58 são somente agressores, total das quatro escolas. Com realidades diferentes em Goiás, frente ao número de agressores. Em Goiás uma professora de uma das escolas compartilhou com a pesquisadora sobre a escolha da sala de aula a ser pesquisada, segunda a professora outra sala de alunos considerada por ela com índice de agressividade elevada em comparação aos outros alunos, não foram selecionados, devido a uma excursão realizada no dia da pesquisa. A seleção da sala de aula é feita pela direção da escola e foram com estes alunos que realizamos e analisamos as coletas de dados. Uma outra possibilidade de menor agressividade, nas escolas de Goiás, pode ser devido as atividades pós aulas, alguns optam pela bandinha, outras pela coreografia. É opcional a participação nas atividades extra-aulas. A saída dos alunos no final da aula é efetuada com diferenças nos estados estudados, a pesquisadora saiu da escola nos dois períodos da manhã e tarde ao som das músicas tocadas pela banda. O clima escolar é diferente no ponto de vista da pesquisadora.

O sexo dos agressores/vítimas possui pouca diferença, sendo 34 meninos e 39 meninas, sobressaindo o sexo feminino. Alunos do Ensino Médio, 34,

tiveram um pouco mais de participação nas agressões comparados aos do Ensino Fundamental II, 29. Quanto a idade dos agressores vítimas temos alunos com idades compatíveis ao ensino, mas uns poucos até os 19 anos, e um aluno chama a atenção por ter 33 anos, este do estado do Mato Grosso.

Outro cruzamento de dados foi feito em seguida, com a inversão das situações, primeiramente foram levantados os sujeitos vítimas e em seguida, desse grupo foram levantados os que também são agressores e os resultados obtidos estão apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Vítima/agressor

	<i>Vítima/agressor</i>	<i>Sexo F</i>	<i>Sexo M</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Idade</i>
Goiás (1)	08	07	01	06EFII/02EM	13,14,15,17
Goiás (2)	07	02	05	03EFII/04EM	11,12,15,16,
MG (1)	35	19	16	18EMII/17E M	12,13,14,15,1 6,17,21
MG (2)	25	11	14	13EFII/12E M	11,12,13,14,1 5,17
Total	75	39	36		

O total de vítimas são 127, na tabela está inscrito somente as vítimas/agressoras, que são 75 alunos. De 127 vítimas 75 são agressores. Esses dados mostram que 52 alunos são somente vítimas, ou seja, não revidam as agressões. O sexo das vítimas/agressoras, 39 são meninas e 36 são meninos, número equivalente entre os dois sexos. Alunos do Ensino fundamental, 40, tiveram maior participação nas agressões comparados aos dos alunos do Ensino Médio, 35, mas em pequeno número de diferença. A idade dos alunos varia de 13 aos 17 anos, com exceção de um aluno de Mato Grosso com 21 anos.

Foram levantados os dados dos alunos que continuam sendo agredidos, que continuam agredindo e consideram-se vítimas, a partir dessa seleção, foram comparados os dados da vítima e agressor que seguiu o mesmo padrão. Obtivemos, então, os dados finais apresentados na tabela 3.

Tabela 3 – Vítima e Agressor

Vítima	Continuam sendo agredidos	Consideram-se vítimas	Agressor	Continua agredindo	Consideram-se vítimas
Goiás (1)	03	09		02	05
Goiás (2)	0	08		02	06
MT (1)	08	21		11	19
MT (2)	5	16		09	13
Total	16	54		24	43

Na tabela 3 temos resultados importantes quanto à continuidade das agressões. Vemos que 16 alunos, vítimas, continuam sendo agredidos e 54 consideram-se vítimas. Sobre os agressores, 24 continuam agredindo e 43 consideram-se vítimas.

DISCUSSÃO

Alguns dos alunos vitimados são também agressores. Fante (2005) destaca a presença da vítima provocadora, que é aquela que reproduz os comportamentos agressivos sofridos. Praticando o mesmo ato a vítima se corrompe, o que pode caracterizar o envolvimento da vítima com a agressividade.

Uma sujeito vitima/agressor afirmou que se sentiu humilhado, rejeitado e passou a imaginar se ele era tudo o que o agressor falou. O acúmulo de sentimentos negativos fez com que ele “*explodisse*”, palavra do sujeito. Passou então a agredir para se proteger. O sujeito completou que “*sendo agressor é mais difícil de ser a vítima*”. Outro sujeito escreveu que é preciso impor respeito para que o agressor perceba que não há “*espaço para ele*” e ainda

“como eu sofri não quero sofrer mais”, e outro *“acostuma com a agressão familiar e acha que é normal fazer o mesmo com colegas”*, e ainda outro *“colocar ele no lugar dele”*.

O agressor pode ser também a vítima. Fante(2005, p. 73) apresenta algumas características do agressor:

[...] normalmente se apresenta como mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular; pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos. Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre outros [...].

As características do agressor também são mencionadas por Olweus (1978): são mais seguros, tem menos medo e são menos ansiosos, mas apresentam relações mais positivas com seus pais. E ainda segundo Lopes Neto (2005), pode haver excesso de tolerância e permissividade ou agressões físicas por parte dos pais.

Um sujeito do ensino médio, 2º. Ano, afirmou que as pessoas que o conhecem não o provocam porque sabem que ele revida, independentemente se a agressão for verbal ou física. Ainda escreveu que, muitas vezes começa a provocação e acrescenta *“é claro que sei com quem ‘brinco’”*, e em outros casos os desentendimentos ocorrem porque outra pessoa começa e ela revida. Em suas palavras *“a agressão surge mais para a outra pessoa ter o respeito sobre mim, e eu me sentir no poder na coisa”*. Outro sujeito escreveu que *“na provocação quem agüenta até o fim? Ele não agüentou”*. Outro sujeito *“se o agressor é o agressor ele tem que se assumir e colocar respeito perante os outros”*. Ainda outro sujeito *“o agressor tem vergonha de falar que ele também é vítima”*.

As vítimas que são somente vítimas são mais frágeis que os pares e sobre isso Fante (2005, p.72), postula como tendo:

Aspecto físico mais frágil que o de seus companheiros; medo de que lhes causem danos por ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos; coordenação motora deficiente, especialmente no caso dos meninos; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, algumas dificuldades de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos.

Um sujeito vítima postulou que sofreu muito em sua vida devido sua cor, “*sou negra e ninguém gosta de mim*”. Ela relata que já colocaram bala, pirulito, cola, casca de lápis e borracha em seu cabelo. Nessa fase ela pensou em sair da escola por que foi muito agredida.

Os alunos agressores podem ter convivido em ambientes que favorecem o fator de risco, fatores visto na introdução, proporcionando assim comportamentos desfavoráveis ao clima escolar. A agressividade é um fenômeno: ela encontra-se situada, atualizada, sócio-historicamente construída.

O período histórico que atravessamos estimula o fabrico da agressividade na escola, considerando-se que a agressividade, como assinala Winnicott (1939/1987a, 1956/1987b), é tentar recuperar no ambiente, visando retornar a um período de privação para a retomada do desenvolvimento emocional. Desta maneira, a escola não poderia deixar de vivenciar manifestações de comportamento agressivo. Ao oferecer um ambiente relativamente estável, com regras claras, a escola representa um espaço de esperança, de hábito e segurança, muitas vezes ausente da história de vida de algumas crianças. Assim, as necessidades de atenção, afeto e firmeza são requeridos dos educadores, com a esperança de obterem limites que, geralmente, não foram estabelecidos pela família.

Creemos que o embasamento teórico e prático, em que, são estudados o fenômeno bullying no ambiente escolar é fundamental para a compreensão

dos difíceis e atuais desenvolvimentos comportamentais agressivos, e acima de tudo para uma prática profissional sustentada em trabalhos científicos.

REFERÊNCIAS

DEBARBIEUX, E. **Violência na Escola**. Instituto Piaget, 2006

HAWKINS J. D. **Predictors of School Violence**, Washington DC, OJJDP, 2000.

HUTZ, C. S. Casa do Psicólogo Livraria e Editora – SP, 2007.

LOPES NETO, A. A. **Bullying** – Comportamento Agressivo entre Estudantes. *Jornal de Pediatria*, 2005. 81, 5, 164-172.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral Volume II: Sensações e Percepções**. Rio de Janeiro: Editora civilização Brasileira S.A, 1991.

MAIA, J. M. D. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área In: **Temas em Psicologia**. v.13 n.2 Ribeirão Preto dez. 2005.

OLWEUS, D. **Agression in the Schools**. London: John Wiley&Sons, 1978.

VYGOTSKY. L. S. **Psicologia Pedagógica** (2001). São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, D. W. **Agressão**. Em *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. A tendência anti-social. In: **Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. <http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/fatores.htm>